

Casa Hans Staden e suas transversalidades: nós uns com os outros

Pedro Honório e Equipe da Casa Hans Staden

Caos e cosmos. Universo, Buracos Negros, Via Láctea, Sistema Solar, Planeta Terra. Em meio a acidentes geográficos, América. Em meio a divisões geopolíticas e econômicas, América Latina, América do Sul, Brasil, Rio de Janeiro, Botafogo, uma vila, uma rua, Casa Hans Staden. Um dia são 24 horas. 168 horas por semana. 365 dias por ano. E o dia por vir...

É mais do que uma clínica, é mais do que uma casa. É uma economia, é uma política. Como criar um modo de vida e resistir? Como criar modos de existência para conviver com a loucura e com o caos de cada um? Como viver a própria loucura? Como romper com a segregação, a partir da criação de uma nova Nau? Estamos no capitalismo. Fazemos resistência às palavras de ordem. Como viver melhor?

São clínicas, éticas, políticas, economias. Não somos capazes de analisar essa casa, mas somos capazes de sintetizar o vivido. Não acreditamos na produção de verdades, mas na produção de ordens de possibilidades. O capitalismo faz reterritorializações artificiais, movimentos *fakes*. Nossa casa não quer ser conivente com isso. Queremos criar movimentos de consistência. Romper com a loucura é entrar mais ainda em contato com ela. No entanto, nessa resistência, corremos muitos riscos. Como fugir do conflito social estando dentro dele?!

O estudo permanente é uma necessidade. Para se alimentar e re-
troalimentar o trabalho. Assim, numa teia semiarticulada, criamos uma
grupalidade, um estilo de convivência pela “Grande Saúde”. Pensar junto,

¹ Referimo-nos aqui ao conceito de “Grande Saúde” de Friedrich Nietzsche: um sentimento de excesso, de plenitude, de uma potência em transbordamento e saúde, que não pode dispensar a própria doença como meio e anzol para o conhecimento. Este

puro espaço em expansão, logo aqui, muita harmonia, muita confusão, uns pobres, uns ricos, uns burgueses, outros trabalhadores. Máquinas capturadas. Máquinas em fuga. E de pé em pé, passamos os dias em convívio de múltiplas formas. Uns semianalfabetos, uns em alfabetização, uns em creche, uns em Ensino Fundamental, outros em curso superior, outros em mestrado, uns em doutorado, e até pós-doutorado também. Uns ditos esquizóides, uns ditos esquizofrênicos, uns ditos bipolar. Tanto rótulo que vamos por cá ficar. Ka-f-ka...

A vida é pura heterogeneidade, pura multiplicidade. Não podemos partir do homogêneo, é justamente ele que precisa ser explicado². O universal não existe, é justamente ele que precisa ser explicado³. Não há homogeneidade: “a família”, “o cliente”, “o técnico”, “o cozinheiro”, “o professor”, “o limpador de chão”, “o enfermeiro”, “o normal” e “o patológico”. Quem chega à casa não sabe quem é cliente, quem é técnico, quem mora aqui, quem é visitante. Borramento das bordas. Zonas cinzentas. Perder para se achar. É preciso uma casa para abrigar um corpo. Não, é preciso uma casa para compor um corpo. Um corpo em suas conexões, seus afetos, suas percepções, suas crenças, seus atritos que ardem, que aquecem. E não pode ser qualquer casa. Não pode ser uma casa sedentária, há de ser uma casa nômade. O que estamos fazendo é nos inscrever na vida. Uma arte em expansão. Uns residem 24 horas, anos a fio. Uns, meio-tempo. Manhã, tarde, noite, anos a fio. Uns, por uma hora, anos a fio. Uns, em finais de semana, anos a fio.

“Vivemos numa cultura que vai do livro para o livro. Como seria então colocar a vida no livro? Ou melhor, como seria colocar a vida na vida?”⁴. Porque aqui passam tempo, vento, coisas, pessoas, palavras, sonhos, falas, músicas, brigas, conflitos, soluções, delírios, alucinações, razões. Eis a primeira tópica: onde existirão corpos sem órgãos? Precisamos de Artaud, Deleuze, Nietzsche, Foucault e de quem mais estiver fora da velha nave.

Vivemos uma época muito estranha, e toda época o é. Pois todos

tema se desenvolve através das obras: *Aurora* (1880); *Gaia Ciência* (1882); *Humano, Demasiado Humano* (1886) e *Ecce Homo* (1888).

2 Tarde, G. *As leis da imitação*. Tr. pt. Carlos Fernandes Maia. Porto: Rés, [1890] 1976, p. 97.

3 Deleuze, G. O que é um dispositivo?. In: *O mistério de Ariana*. Tr. pt. Edmundo Cordeiro. Lisboa: Vega–Passagens, 1996, p. 85.

4 Inspirado em *Film Socialisme* (2010), de Jean-Luc Godard. Frase original: “Não há nada mais conveniente que um texto. Nós só temos livros postos nos livros. Mas e se colocarmos a realidade em um livro? E se colocarmos a realidade na realidade?” (00:27:10).

os conhecimentos das filosofias estão presentificados por seus interlocutores conhecedores das suas preciosidades. Por seus interlocutores incautos (precipitados). Por seus interlocutores incultos (pseudopensadores). Por seus interlocutores ignorantes (desconhecedores do conhecido). Temos hoje o conhecimento das ciências com todos os seus arcabouços em práxis das mais significativas às mais funestas, que produzem uma diversidade intensa de informações servindo aos negligenciadores que buscam o oportunismo, tratando as descobertas como se fossem banalizações.

Ver - algumas pessoas na casa usando a razão - estático.

Ver - clientes em loucura - imaginação como solução.

Precisamos de seres que tenham pé no chão, que possam gerar deslocamento; que tenham pé no chão, que possam desanuviar, principalmente com imaginação, com corpos lisos, molhados, estriados, sem configuração. Michel Foucault com *As Palavras e as Coisas*⁵.

Já não temos mais nem boca, nem peru, nem perereca, ou músculos afinados ou desafinados. Um aspecto da casa: geometria analítica, física, biologia, matemática espinosista, linguagem no mesmo texto, cada um de nós. Brincando com os matemáticos - (nó) na barriga. Brincar com uma verdade que vira mentira. Devaneios, registros que pulsam em nós. Espinosa brincando com as lentes, definindo o que era real. Trabalho de corpo em que o corpo vira pele. Buracos, contornos, curvas. O que importa é de onde partimos, não sabemos onde queremos chegar.

Mas como aprender a pensar? Como um pensamento radical se torna possível a partir de um pensamento crítico, com critérios que guardem um sentido na força argumentativa? É preciso estar atento diante dos acontecimentos para ser rápido, vide os elementos surpresa, já que o sistema vigente é rapidíssimo, uma verdadeira máquina trituradora, por que não dizer antropofágica? Seria possível inverter os valores e fazer valer outro tipo de antropofagia?

A antropofagia tupi consiste em um ritual indígena em que se devoram os inimigos, porém apenas os bravos guerreiros, para absorver somente as virtudes desejadas. E assim se cria uma relação de composição com a

5 Foucault, M. *As Palavras e as Coisas. Uma arqueologia das ciências humanas*. Tr. br. Salma T. Muchail. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, [1966] 2000.

alteridade: “selecionar seus outros em função da potência vital que sua proximidade intensificaria; deixar-se afetar por esses outros desejados a ponto de absorvê-los no corpo”⁶.

Incorporar a prática tupi e inventar novas formas de tornar-se gente. Antropofagia como modo de subjetivação, como criação de novas subjetividades⁷. Escapar das formas identitárias, não mais compactuar com as formações dominantes, com os papéis sociais preestabelecidos e com as finalidades universais. Abrir novas vias, agenciar relações econômicas e sociais, pessoas e funções. Uma individuação sem sujeito, em constante dinamismo, atravessada por fluxos semióticos e intensivos, que são a materialidade própria do desejo.

É preciso redescobrir a *natura*, ou vislumbrar a maturidade neste instante, e revelar certas verdades selvagens, das quais poderemos usufruir nos deixando surpreender. Se precisarmos romper com os avais de garantia, coerências, para que tenhamos oportunidade de viver o presente, lembremos, aqui, de Nietzsche: “Construam suas casas sobre o Vesúvio! Lancem os seus navios em mares desconhecidos!... embarquem, ó filósofos! Há todo um mundo para se descobrir”⁸.

Estejamos atentos a um meticuloso trabalho sobre si, onde se faz questionar todos os critérios de verdade, onde haja um rigor incessante, onde o corpo, “a grande razão”, e o intelecto, “a pequena razão”⁹, possam se entrecruzar simultaneamente. Onde a tensão seja esticar o fio do eu ao objeto do eu, a outros eus, de mim para alguém, de mim para a cultura.

Tudo passa, tudo tem uma duração. Não sabemos quanto tempo vamos durar. Medo da dor do fim. Medo da doença, câncer, medo da doença dos afetos, angústia, depressão. Medo da impotência, o que pode meu corpo? O que pode uma força? Medo da morte. Tudo acaba em mim. Medo do poder dos outros sobre nós, sobre cada um de nós.

Queremos que o real seja diferente daquilo que é dito pela

6 Rolnik, S. Subjetividade Antropofágica. In: Lins, D. (org.). *Razão Nômade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005, p. 91.

7 Idem.

8 Cf. Nietzsche, F. *A Gaia Ciência*. Tr. br. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, [1882] 2001, p. 192, aforismo 283.

9 Cf. Nietzsche, F. Dos desprezadores do corpo. In: *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tr. br. Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [1883] 2011, p. 59-61.

tradição-clichê, que o que se mostra possa vir a ser diferente, já que é preciso impedir que nos imponham um jeito de compreender. Que neste trajeto possamos ter um diálogo crítico com o que estamos habituados, para que o novo aconteça. Isso será a afirmação da vida. Colocamo-nos o fim do idealismo, da unicidade de sentido, das palavras pré-fabricadas, formatadas nas palavras de ordem - e não na livre expressão.

Eis que nos vemos diante das verdades ditas, mentiras engenhosas capazes de nos capturar neste imperialismo da verdade. Queremos nós que as palavras sejam tradutoras de acontecimentos em sentidos singulares, capazes de compor novos acontecimentos. Palavras. Que estas possam ser expansão e contração, como movimentos celulares. Capazes de, na expansão, tornarem-se buracos negros geradores de novas estrelas.

Oh, que palavras! Que palavras!

Dia 01 x 24 horas x 365 dias

São sete horas. É uma hora qualquer. E o tempo se relativiza; subdivide-se em durações. Um olhar que deixo passar e não passa, persiste, retorna. Uma fala e uma cena, uma outra que não tinha percebido. Era uma hora qualquer e pode ser a qualquer hora. Madrugada adentro, dia afora. Uma casa. Como é que é? Pois eu lhe digo como é uma casa. Composições de micro agenciamentos, seja na relação com as pessoas, seja na relação com os objetos. Um rádio, um fogão, uma panela com água fervendo. Pratos se esfregando nas mãos. Uma cena, uma palavra, um olhar. Um cheiro de café forte. Um ritmo lento continuado. Composições de movimentos oscilam entre compassos e descompassos. Variações gastronômicas de grau. Natureza humana expressando caos entre corpos e livros. Línguas e linguagens que transmitem expressões corporais. Escutar com os olhos, ver com as narinas. A comida estragou. Descuido que torna aparente o desperdício. As narinas formam um microscópio humano relevante na ausência do plástico, do vidro, do ferro, do silício.

Afastado do mundo, aprisionado em mim mesmo, numa cadeia de pensamentos que me fazem temer a tudo e a todos. O caminho até esse ponto foi tortuoso, doloroso, angustiante... Extrema dificuldade em pedir ajuda, extrema dificuldade em me perdoar pelos próprios erros, um superego, ou um ego, não

sei bem ao certo, enfim, um Celso dentro do Celso extremamente empenhado em uma autocondenação, um cruel algoz dentro de mim mesmo. Mas já não há mais tempo para se autoanalisar, já não há mais tempo para continuar olhando para trás, a vida grita por ajuda, por convívio, por uma nova sensação de pertencimento, a vida clama por novamente olhar adiante, a vida berra por um passo a frente. Por onde começar? Por onde tentar recomeçar? Com essa pergunta na cabeça ligo o computador a minha frente e observo os amigos “online”, esforço-me para acreditar que há alguém ali que possa me ajudar, pois nesse momento a crença no humano está em pedaços. Resolvo tentar, surge um convite para um grupo de estudo, resolvo aceitar, mesmo sentindo-me sem reais condições de me entrosar em qualquer grupo que seja. Chego então em uma casa bem diferente das que costumava frequentar, pessoas de diferentes tipos a frequentam, essa é a primeira impressão que me marca... O estudo daquela noite é sobre Nietzsche, a mente confusa já não se mostra tão hábil em compreender como anos atrás, mas naquele instante sinto como se estivesse compreendendo com as vísceras, algumas coisas ditas parecem me remexer por dentro, como a mão de um cirurgião que estivesse com meus órgãos expostos diante de si e brincasse com eles, remexendo-os, uma sensação intensa, porém positiva. Nesta “tribo” sinto um novo sopro de vida, consigo reconhecer o quanto preciso de ajuda, consigo verbalizar um pedido de abrigo, de asilo, de acolhimento... A casa que recebe o nome de alguém que foi rejeitado como alimento por uma tribo antropofágica, curiosamente, parece ter se tornado abrigo daqueles que estiveram próximos de serem triturados pela máquina de moer carne em que parece ter se tornado a nossa sociedade: sou aceito como cliente da Hans¹⁰.

10 Celso se refere aqui ao explorador alemão Hans Staden, que veio por duas vezes ao Brasil no século XVI e participou de combates contra franceses e seus aliados indígenas nas capitâneas de Pernambuco e de São Vicente. Uma vez capturado pelos índios Tupinambás, não foi devorado segundo determinava a prática canibal. Este estrangeiro era tido como um covarde pelos índios, que se recusaram a comê-lo para evitar contaminação. Em Botafogo,

Chego à casa como um náufrago que chega a uma ilha deserta depois de muito nadar e se esforçar para não se afogar, mas sem mais carregar a ilusão de ser salvo por alguém, sem a ilusão de estar chegando a uma ilha paradisíaca, as dificuldades surgirão, a nova jornada está só começando. No entanto, estou grato pelas portas abertas, pelo carinho, pela receptividade, enfim, grato como um náufrago que consegue novamente ter um chão onde pisar depois de tanto lutar para não se afogar nas águas das suas próprias loucuras. Grato como um náufrago que se permite deitar nas areias da praia em que acabou de chegar, tomar um fôlego, e se reenergizar sob o sol para tentar seguir adiante. (Celso Bezerra, 2013).

Cada qual com seu pequeno Kafka. Há grandes Descartes – seja do lixão de Estamira, seja da Filosofia –, e pequenos Kafkas – seja dos Titãs, seja de Praga. Ou grandes Kafkas e pequenos Rousseaus. Uma pitada de Artaud já é o suficiente. Um pouco de Dionísio para Baudelaire. Uma escada denuncia um assaltante... de geladeira. Crime bárbaro e saboroso onde se mexe no que não se pode mexer. Há algo de privado tornando-se público e o público se alimenta do que se pode compartilhar. A troca é capital, mas não capitalista. Antropofagia sim, mas como modo de subjetivação.

Dia 02 x 24 horas x 365 dias

Aluguel, luz, água, gás. Um produto é um bolo ou uma pintura. Ou o erro, ou o caos. Um vizinho que se abeira à janela. Trabalho é moeda. Papel higiênico é luxo e lixo. Comida é para mais um.

É que eu não tenho as chaves de casa. É que a casa não tem chaves e possui três grandes janelas na parte inferior. Era uma hora qualquer. E bem que poderia ser a qualquer hora. E tem muita gente porque muita gente tem muito. Uma casa. Como é que é? Fogão, geladeira, pia, mesa, sofá e pequenos kafkas. Todos os dias, pequenos Kafkas.

Rio de Janeiro, uma rua leva seu nome. Nossa casa está localizada nesse endereço, por isso chamada de Casa Hans Staden e referida carinhosamente por amigos, visitantes e clientes como "Hans".

É uma delicadeza escrever a experiência de estar nesse lugar. Primeiro a casa e a cidade. Janelas e portas abertas e ar entrando e saindo. Ao fundo duas montanhas suntuosas. Muito verde, outras casas. Parece incrível. Estou no Rio de Janeiro. E o silêncio... As noites e os dias são silenciosos. Mas nem tudo é tão bucólico! Este lugar abriga vários fluxos, vários movimentos. Pessoas, ideias, afetos. Alguns são considerados clientes, outros, técnicos. Uma criança e eu. Convivência máxima. Poucas roupas, poucos pertences. E tudo funciona: pia, chuveiro, colchão, vaso, fogão, geladeira, TV, som, celular, telefone, etc., etc., etc. Temos jornal, temos a TV, temos grupos de estudos, leituras literárias e jogos de xadrez quase todos os dias. Temos café da manhã. Roupas para lavar. Para cada dia uma equipe. Isto implica um modo de ser diferente. (Margareth Hisse, 2008).

Baratas enormes cindem enormes nós. Kafka e Laing num jogo de xadrez. Na TV, o futebol, a novela, o Jornal Nacional. Uma casa. Uma casa e muita gente. Muitas camas e eu dormi num velho banco, como um personagem de Beckett. Amanhã tem uma festa. Acabei de ler *Uma Temporada no Inferno*¹¹. Uma família. Que familiaridade é esta? Ouvi falar de uma casa nada familiar. Fiquei contagiado, e nem foi a conta gotas. A conta gotas foi o processo.

Dia 03 x 24 horas x 365 dias

Vejam bem, vejamos se possível. Vamos vendo no tempo continuado do gerúndio. Vamos vendo eu, tu e vós. Vamos vendo eu, tu, vós, você e ele. Vamos vendo, mais um a cada olhar. Uma casa. Como é que é? Livros, estantes, telefone, árvore de natal, aniversários, desaniversários e uma festa dançante. Os móveis vão para a rua, o jogo de xadrez, a churrasqueira, tudo vai para a rua e transborda todas as paredes. Cada convidado traz um pirex.

¹¹ Rimbaud, A. *Uma Temporada no Inferno*. Tr. br. Paulo Hecker Filho. São Paulo: L&PM, [1873] 2007.

Ontem foi o dia da Festa Pirex Total; eu estava toda feliz e animada. Primeiramente fiz umas pinturas com os técnicos para decorar a festa. Poxa amigos, no dia da festa amanheci animada para poder ajudar na casa, tomei banho, jantei. Aí, iniciaram-se as danças. Conheci uma pessoa que é toda animada, gosta de dançar e é uma senhora que adora ser feliz. Puxa vida, que barato, que legal! Dancei muito, conversei com várias pessoas, comi uns petisquinhos, umas coca-colas e até redbull rolou. Brinquei com as Mônicas, com a tia Margarida, tia Kátia e também com o Diogão e a Irenão. Aí, me bateu uma questão que adoraria saber... por que será que as coisas mais saborosas da vida passam muitíssimo mais rápido que um avião, hein? Por que será? Adorei a festa, as companhias agradáveis. Também penso o seguinte: se continuar indo na paz, na tranquilidade, poderíamos fazer outra no réveillon. Pois eu sei que o mundo não vai acabar. E também agradeço a todos aqueles seres que estão comigo e que sempre estarão. Muito obrigada para todos e... até a próxima. (Laís Patrão, 2013).

É tempo de fazer ligações de todos os atos sensitivos com os perceptivos. Deleuze e Guattari em *Mil Platôs*: reter apenas aquilo que aumenta o número de ligações¹². Torna-se necessário fazer ligações entre a arte e a cena urbana, entre o eu e os eus que habitam em mim, o eu e os outros à minha volta, quer por proximidade territorial, circunstancial ou informacional, quer por proximidade de necessidades, crenças ou desejos. Precisamos estar, certas horas, incomodados com o eu, o tu, o nós e o território. Queremos aprofundar o que entendemos por vida.

Dia 04 x 24 horas x 365 dias

Era uma hora qualquer e bem que poderia ser a qualquer hora. Um olhar que deixo passar e não passa. Persiste, marca, retorna. Variações de grau gastronômicas. Descobri a carne e o vinho. O vinho na carne. Cominho no feijão.

12 Deleuze, G. e Guattari, F. *Mil Platôs - capitalismo e esquizofrenia*, v. 5. São Paulo: Ed. 34, [1980] 1997, p. 216.

Cerveja no frango. Cachaça às três da manhã abrindo *Laços*¹³, de Laing, ao acaso, e ouvindo Rimbaud gritar embriagado injuriando a beleza amarga que fez sentar em seu colo.

Diário de um nômade. Acordei na Casa Hans Staden. Nesse dia demos a volta na Lagoa e lanchamos em Ipanema. O que eu mais gostei desse dia foi do lanche e da caminhada: gostei da paisagem do deck. Botamos uma música, dançamos. Gostei de comer coxinha de galinha. Gravamos um vídeo no Parque Lage. Nesse dia não só nos divertimos, mas aprendemos também. Eu aprendi a viver um pouco melhor. Como? Escutando mais. Quando nós acordamos, fomos para o Pasmado, eu lembro. A propósito, achei a casa da Laís muito linda e confortável. Para fumar é na varanda. Fomos na casa de Ruy Barbosa e adorei o espaço porque dá para caminhar e refletir sobre a vida. Toquei como DJ no aniversário do Rafa. Não me lembro do começo do dia, mas no final toquei como DJ pela primeira vez desde que cheguei na casa. A festa foi dividida em duas casas. Teve uma hora que o Pablo Gonzalez me substituiu. Foi com uma caixa de som de computador, mas seria melhor usar uma caixa de som grande. Botei efeitos demais e levei uma chamada de atenção de várias pessoas que queriam ouvir a música. Eu achei que eles tinham razão. Achei divertido. E parei de botar tanto efeito. Fui no show do Gilberto Gil. Por acaso ficamos quase perto do palco. Adorei a sinfonia que tocou antes do show. Fomos de barca e vi uma paisagem muito bonita. Segunda-feira fui no Rio Sul encontrar o meu sócio com meu terapeuta Rodrigo. Bebemos uma garrafa de 2 litros de coca-cola. Conversamos bastante sobre minha liberdade, sobre como montar minha empresa. Logo depois fomos embora para me deixarem na casa Hans Staden. A partir desse trabalho que tenho vivido, e com as pessoas com quem tenho vivido e trabalhado, irei aprender mais como viver, conquistar mais coisas como minha liberdade, e voltar a morar com os

13 Laing, R. D. *Laços*. Tr. br. Mário Pontes. Petrópolis: Vozes, [1970] 1991.

meus avós. Dia 10 fui para a maratona em Silva Jardim, andei a cavalo, nadei, usei a piscina e domingo voltei para a Hans Staden. Gostei de ficar até mais tarde acordado jogando com o pessoal, coisa que eu não costumo fazer. (Vitor Cardoso de Jesus, 2013).

Uma casa com muita gente, muitas línguas, uma multiplicidade de pequenos Kafkas, grandes insetos roedores de nós. Alguns Napoleões ou Césares arregalam, para nós, os olhos. E algo nos diz: “é preciso estar atentos”. Os grandes imperadores não governam fora. Governam dentro.

Uma casa. Como é que é?

Dia 05 x 24 horas x 365 dias

Troco uma lâmpada, lavo um banheiro, varre-se um chão. Falta água, falta luz. Às vezes tem churrasco, festa, briga, paixão. Hospital, ponto na cabeça, alegria, viagem de fim de semana, novela, discussão. Parceria, vizinhos, velho banco para dormir, aspirador de pó, vassoura, pratos, talheres, mesa... E, de repente, uma tempestade.

Interferência. Interdição. Residência desativada. Os clientes passam a ser acompanhados na casa de seus familiares pela nossa equipe técnica. Continuamos ocupando a cidade, mas desocupamos nossa casa.

Era uma hora qualquer. E bem que poderia ser a qualquer hora. Um vento, um raio, um trovão. Ressoa aqui dentro o que escuto lá fora. É melhor fechar as janelas, e desta vez trancaram-se as portas. Quando a chuva é forte e tudo alaga em volta, muito se quer ficar, mas foi melhor ir embora. Na rua fica um silêncio. Não há móveis lá fora. Vou pôr na carteira de trabalho jornada de 24 horas. Se fosse por isso de fato, menos vida. Mas com essa experiência, viveu-se ainda mais do que de costume. Tempestade passa, só mais alguns passos; documentos contados.

O Ministério Público adverte: não existe uma classificação para o nosso projeto. Precisamos de uma categoria classificatória para a regularização da nossa casa, chamada pelo Estado de “residência terapêutica do tipo 1”. Nosso projeto está contemplado pela lei e é considerado estratégico no processo de desospitalização e reinserção social de pessoas longamente internadas nos hospitais psiquiátricos, ou em hospitais de custódia, que precisam de moradia

e cuidados especiais. Mas a lei contempla apenas as iniciativas da rede pública.

Quem banca nossa casa? Nós mesmos, através de múltiplos agenciamentos de todos os envolvidos. E dá muito trabalho. Enviamos um projeto para Brasília. Tentamos explicar como a Casa Hans Staden pode ser um exemplo de um tipo de serviço de residência terapêutica cujo reconhecimento enfrenta dificuldades. Não há uma categoria específica que integre as características deste trabalho, que não recebe dinheiro do Estado, que não é uma empresa, que não é uma ONG. É apenas uma casa. Mas que também transforma e amplia a rede de atenção à saúde mental em nossa cidade. Concordamos que essa casa não é um modelo para todos, mas também não pode ser para ninguém.

Eu, Mauro de Menezes Bustamante, morador da Rua Hans Staden desde outubro de 2005, já conhecendo o trabalho do Pedro Honório de Oliveira como terapeuta e psicomotricista desde 2002, eu, impossibilitado de morar ou estar sozinho, já estando em tratamento psiquiátrico e terapêutico nesta casa que propõe programas culturais como idas ao Museu do Índio, Casa França Brasil, CCBB, ver diversos tipos de exposições, Casa Daros, teatros como a peça Acorda Zé, a Comadre Está de Pé entre outras peças, eu, fazendo musicoterapia e com grande interesse em música, dormindo fora da casa, sendo recebido na casa da mãe da Laís, que é uma outra cliente da casa, eu, nada me impossibilita de fazer atividades físicas, entre outras grandes caminhadas para locais saudáveis como cachoeiras, museus, já tendo trabalhado como autônomo e sempre investido em música (entre outras coisas) como por exemplo trabalhado ciceroneando americanos no Rio em 1993, que precisavam de alguém que falasse inglês, um outro bombeiro amigo meu, junto comigo, representando confecções de roupa, ajudando a promover festas na danceteria Mistura Fina da Barra da Tijuca no fim dos anos 80, a qual tinha como gerente Henrique Koeller, formado no Basic no Brasas Copacabana, eu, gostando muito da hospitalidade da Sra. Franir, mãe da Laís, e já tendo sido eu internado no Hospital Philippe Pinel em 92, até mesmo na Saint Roman (clínica particular em Santa Tereza) em 2003 e janeiro de 2005, impossibilitado de voltar a morar na

casa Hans Staden, eu, Mauro de Menezes Bustamante, sem preconceitos, quaisquer que sejam, de cor, de escolha sexual, de religião, e conhecendo bem a vizinhança, todos amigos da casa, que promove festas juninas, aniversários, festas abertas, que conste através desse texto que não vejo nada nesta casa que nos impossibilite de voltar a morar nela, como sendo uma casa acolhedora e toda a renda sendo revertida nela própria como luz, água, gás, telefone, material higiênico, trabalho dos terapeutas, musicoterapia, alimentação, etc., etc., eu, não vendo nenhuma impossibilidade, peço nosso retorno à casa na rua Hans Staden número 23. Atenciosamente, Mauro de Menezes Bustamante. (Mauro de Menezes Bustamante, 2013).

A casa e nosso endereço não são um CEP, já estivemos em muitos lugares: Praça XV, Largo dos Leões, Martins Ferreira, Santa Clara, Mundo Novo, Itaipu, Ponta Negra, Hans Staden. Nossa casa é nosso corpo, nosso trabalho. Esse é o nosso endereço. Resistimos. Criamos soluções inimagináveis. Reativamos. Voltamos.

Quem vem lá? O grupo de mochila nas costas. Homens e mulheres vestidos, calçados. São bípedes, humanos. Os cabelos nem sempre tão penteados e a marcha, bem mais lenta do que quer a correria das ruas de Botafogo, podem dar o tom da diferença. Mas, só para olhares atentos. Presta atenção! O grupo para e alguém se abaixa. Delicadamente arruma o sapato daquele que anda sempre de mãos dadas. Os outros assistem, compenetrados. O trânsito de meio-dia e meia da Rua São Clemente vai ficando cada vez mais enrolado, as pessoas correm cada vez mais na calçada. O grupo segue em frente. São nômades. Mas porque acreditam no movimento do corpo como forma de saúde. O grupo de mochila nas costas que marcha devagar, no entanto, não tem alvará, carimbo, selo, anuência. Trabalha com a potência de cada um. Sabe que, entre eles, há doces olhos azuis que se transformam em fúria; há psicose; há esquizofrenia; há neurose; há vícios; há humanos, enfim, que não precisam ser “melhorados”, para quem a com-

paixão pouco ou nada vai valer. Querem viver, ter sua diferença respeitada, por mais que... ah, isso dá muito trabalho, atrapalha a ordem, engarrafa a calçada, não aquece a economia... Mas ali, no grupo de mochila nas costas, os seres são cidadãos, sim, senhor! Quer ver? Olhe suas roupas. Foram compradas. Olhe seus calçados. Foram comprados. Olhe suas receitas, devidamente aviadas por doutores. Ali há muitos remédios, caros, todos comprados. O que seria dos laboratórios sem eles? A quantidade de imposto que cada um ali paga, a quantidade de carbono que cada um ali emite, de lixo que cada um ali produz... Então, não são cidadãos? O grupo de mochila nas costas que acredita na potência e é capaz de parar a calçada para arrumar um sapato que caiu do pé na frente do quartel, no entanto... não tem direito de estar numa casa. Eles são nômades, acreditam no movimento, mas em algum momento precisam de um muro, um teto, paredes, chão, coberta, cadeira, televisão, som, fogão, prato, comida, livros, muitos livros, jogos... onde possam descansar o corpo, comer, se aninhar, se divertir, ler, se abrigar de uma chuva torrencial ou do sol escaldante. Mas o Estado não lhes dá esse direito. Só se for conforme as leis pregam, conforme as normas normatizam. Passo de carro e vejo o grupo de mochila nas costas. Estão voltando de uma longa caminhada. Não perderam o humor. E isso lhes dá mais e mais força. A casa lhes será devolvida. Terá um selo, um carimbo, um alvará, a anuência. Vai ter festa Pirex para comemorar. E continuarão nômades, porque é nisso que acreditam. E a potência, ah, essa só vai triplicar, quadruplicar. Ninguém será domado, melhorado. Não, não é a solução porque não há solução. É só mais uma possibilidade. (Amélia Gonzalez, 2013).

Na medida em que vão sendo revistas as tradicionais dialéticas saúde/doença, homem/máquina, homem/natureza, campo/cidade, vão se desenrolando movimentos de se tornar gente, gente que é corpo, diferente, singular, gente que vive afetos, gente que pensa. Pensamento nômade, que permite romper com a vida triste e perceber o trágico como catalisador de mudanças. Ao trazer o percurso nômade, vai ganhando-se as ruas, buscando

derivas, reentrâncias, fluidez, em direção à exterioridade. Porque existe sempre a possibilidade de relação na dobra, no dentro e fora, com menos ocupação com o movimento imaginário, abstrato e maior valor às intensidades.

Dia 06 x 24 horas x 365 dias

Era uma hora qualquer. E bem que poderia ser a qualquer hora. Todos os dias dormindo ou acordado meu corpo é invadido por uma multiplicidade de sensações e informações. Cada sujeito que se aproxima expressa uma multiplicidade de afetos ao seu modo, à sua maneira, apropriado ou não de sua singularidade. Transito entre os meios e os meios são compostos. Os meios compõem-se de variações de tempo e intensidades, conjugações variáveis de forças, singularidades, agenciamentos.

Todos os dias, dormindo ou acordado, há algo que chega de fora. Seja o calor do sol, a água da chuva ou o vento. O cheiro de uma comida, uma voz distante, uma voz mais próxima, o ritmo de alguém que se move mais rápida ou lentamente, os ritmos ou as tonalidades de uma fala. Os graus de intensidade de algo que se afirma ou hesita. A vida nos brinda insistentemente com nuances e paradoxos. Digo insistentemente porque o que é potente insiste, persevera, repete, faz *looping*, hesita, e se transforma sutilmente. Isso me dizem meus olhos, se estiverem atentos, minhas narinas, se não se sentirem subjugadas pela potência dos olhos.

Moro numa clínica que não é uma clínica, é uma casa. Tem pessoas diferentes, umas com mais dificuldades, outras com menos. Tem técnicos que são clientes e tem clientes que são técnicos. Tem pessoas que não sabem quem é cliente e quem é técnico, porque nessa casa um ajuda o outro. Tem trabalho de limpar a casa, tem trabalho na rua, tem passeios, tem viagens, jogos, estudos e festas. Tem conversas, conflitos, confusões, afetos e muito mais. Também tem caminhadas e bastante trabalho. Tenho um lugar para morar que é uma família que me dá carinho, afetos, trocas, esporros para botar o pé no chão e muito mais. Eu não me sinto cliente e sim uma filha da casa. Tenho mães, tias, tios, pais, amigos. Gente que me dá afeto, amor, respeito, que eu preciso, do bom e do melhor. Tenho um pouco de tudo. Nessa casa tem vários acontecimentos

na base do possível, do bom e do melhor. Fui parar na casa certa e é aqui que é o meu lugar. Eu me sinto bem aqui e é aqui que eu quero ficar. É a Casa Hans Staden que me ajuda e que está me ajudando a viver na minha casa e com todos que moram comigo. Tenho uma família como eu sonhei que me fez realizar o meu sonho de viver na minha casa como hoje, sabendo lidar com as diferenças, me relacionando, tendo trocas e parcerias. Criando soluções para eu ficar bem comigo e com os outros, aprendendo e querendo aprender e compartilhar cada vez mais. Minha casa é na Rua Hans Staden. (Juliana Carbone, 2014).

Devir. Jogamos um jogo onde todos jogam mesmo não sabendo jogar. Jogamos um jogo onde todos jogam. Mesmo quem não joga, joga também. Jogamos as leis dos dias e noites onde elas funcionam híbridas, ou seja, a noite virou dia e o dia joga-se como noite. Ou mais: nas noites planejam-se os dias, assim como os dias vivenciam os dias e as noites.

Mal acordo e a chuva vem. Aquela chuva de olhares sobre mim que me obriga a tomar uma atitude. Primeiro de tudo é preciso produzir ritmicidades. Sem elas seria o fim. Depois eu me lanço ao primeiro par de olhos do dia. Esse primeiro encontro guarda em si ainda o escuro das preparações noturnas, é como a meia-noite do réveillon, é um ato de flagra, deflagrador da série de pares de olhos que será aquele dia específico. Como se fosse o ano, eu poderia dizer assim para a primeira pessoa com quem me encontro: feliz ano novo! (Pablo Gonzalez, 2011).

Noites de sonhos. Dias de sono. Noites de embriaguez. Dias de desânimos. Noites de delírios. Dias de alucinações. Qual é o jogo que se joga que, quem não joga, joga também?

Dia 07 x 24 horas x 365 dias

Era um dia, um mês e um ano qualquer. E bem que poderia ser qualquer dia, qualquer mês, qualquer ano. Eu não tenho as chaves de casa. É que a casa não tem fechaduras. Era uma hora qualquer. Mas bem que poderia ser a qualquer hora.

Uma casa. Como é que é? Uma casa, às vezes, recebe visitas. Recebemos muitos visitantes todos os dias. Nossos visitantes são como um vento refrescante que entra pelas portas e janelas. Numa noite, recebemos um visitante novo. Jantamos, tomamos água, sucos, vinhos, brindamos. Ele nos convida para assistir a uma peça em outra cidade. São Paulo, capital. Organizamo-nos para ir.

Como juntar um monte de universos em um deslocamento interestadual, interpessoal, intrapessoal, nômade? Foi como um cometa, mais ou menos 45 pessoas, vezes mil processos viscerais, materiais, subjetivos, em explosões mais ou menos intensas, com o objetivo de assistir a uma peça, que de maneira real e imaginária tinha uma sintonia com essa composição de desejos em que estávamos investidos. Muita estrada depois, fomos tomados por uma zona de intensidade forte, rica e inspiradora que se multiplicou em nossos dias a partir da noite da volta, aventureira, arriscada, e que funcionou para nós, como a própria obra, como ponto de partida para reflexões, novos sentimentos e projetos. Ficou uma vontade de voltar e uma vontade de ir em direção a novidades e criações que desdobrem nossas vidas e as façam pulsar suas explosões com saúde.

O convite foi para uma peça de teatro, “Cais de ovelhas” do grupo Ueinnz. Viajar em grupo, muitos carros, muitas gentes, loucura boa de viver. Éramos técnicos, terapeutas, clientes, familiares, amigos da casa. Muita empolgação para assistir a peça e viver o desafio de ir e voltar no mesmo dia. E tinha uma casa para nos acolher, um casal com enorme generosidade. Eu posso dizer que me surpreendi, pois cheguei tipo Bartleby, preferindo não fazer, não dirigir. Mas o convite me proporcionou experimentar realizar diferente, e na diferença ir me atualizando. E seguir na direção inteira, alimentando-me das pessoas, das paisagens, das minhas sensações. (Erica Monteiro Carapetikow, 2013).

O passeio é esquizo. As pessoas que caminham se deslocam, podem ter sistemas de defesa variados do ponto de vista psicopatológico (neuróticos, psicóticos ou perversos), ou quadros psicomotores diversos (paralisias, inibições, deficiências, normalidades). São importantes pontos de partida para o

nosso trabalho. Mas não são conclusivos. Pois o que nos interessa são essas misturas, entre a organização das máquinas desejanter e as intensidades do corpo sem órgãos, para não sermos engolidos pela dor, para não deixar murchar as flores... raras.

O passeio é sensível. O maior território do corpo a ser percorrido é o da pele. Essa superfície, a pele, maior órgão humano, se faz existir pelas forças que a atingem. O passeio é movimento, deslocamento por vários territórios. Vamos do campo das sensações ao campo das imagens corporais. Esse processo possui simultaneidade. É instantâneo e nômade, se estabelece na dobra do que há entre o dentro e o fora do corpo em um plano de imanência, veloz, atemporal, e ao mesmo tempo corporal, matéria, várias qualidades da matéria. O passeio captura e produz imagens.

Atendemos pessoas de diferentes níveis de complexidade. Em alguns casos, não são capazes, *a priori*, de expressar imagens ou grafemas enquanto símbolos, ou mesmo uma fala estruturada, através da qual poderíamos captar a sua própria percepção corporal. Preferimos viver, então, um intercruzamento das produções organizadas e a potência/produção dos corpos sem órgãos. A práxis ocorre na relação com os efeitos, buscamos a imagem em si, o efeito do efeito que as imagens podem gerar. A dupla causalidade.

Não sabemos onde vamos chegar. Temos um ponto de partida, relativo à singularidade de cada pessoa, e o caminho que percorremos é sensível. Sensação/sentido. Sempre na dobra, na dobra do corpo/pensamento. Há uma dúvida no ar. Uma pesquisa. Espinosa: “não sabemos o que pode um corpo”¹⁴. Há uma repetição que se apresenta nas idiosincrasias. Há diferenças na repetição. O potencial de mudança é descoberto em cada encontro, em cada “passeio”.

A proposta é agenciar, buscar as derivas, os pontos de fuga, o que vamos fazer neste instante, a partir do que se produz dentro e fora do terapeuta, do cliente, da relação terapeuta/cliente, neste plano de imanência. Criar multiplicidades de efeito/ação para tornar possível a convivência e a alegria. Um movimento, um deslocamento, um desdobramento em direção à saúde, à arte, a criação de uma vida. “Dado determinado efeito, qual é a máquina que poderá produzi-lo? E dada uma máquina, para que ela pode servir?”¹⁵

14 Spinoza, B. *Ética*. Tr. br. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, [1661-1675] 2008, p. 167.

15 Deleuze, G. e Guattari, F. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Tr. br. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, [1972] 2010, p. 13.

Cada dia x 24 horas x 365 dias

A cada dia precisamos nos aproximar de direções não completamente determinadas, ou seja, partimos em direções imprevistas, que não funcionam de forma regular.

Que este projeto leve em conta os que se encaixam no improvável, os ainda indecisos, os que queiram viajar sem certezas *à la* Proust: “o verdadeiro sonhador é aquele que vai verificar alguma coisa...”¹⁶. Lembremo-nos das zonas de indeterminação que acompanham secretamente a maior parte das formas de organização. Porque pensar é experimentar, e não ajuizar.

Temos que abandonar o senso comum, a lógica formal, a moral, que Kant tanto se esforçou por estabelecer, o que acabou por sugerir uma forma de desfazer. Que possamos fazer ligações de um nós, nó, de um “nós” “outros” às múltiplas ligações, nos questionando constantemente sobre a diferenciação entre o público e o privado. Que possamos ter certo gosto pelo desconhecido, pelo que não entendemos inteiramente, por aquilo que ainda não foi determinado pela História, historia, estória.

Que palavras! Simplesmente palavras, que em certos momentos entoam cânticos inebriados, levando-nos a novas revelações, novas pontes. Que tenham valor ao revelar o interior, invadindo de forma inquietante os clichês simbólicos da vida e seus falsos problemas. Nós gostamos das impressões que vêm dos nossos vizinhos.

Friedrich Nietzsche, Pedro Honório, Gilles Deleuze, Margareth Hisse, Félix Guattari, Irene Grether, Sigmund Freud, Mônica Cruz, Fiódor Dostoievski, Diogo Vancin, Franz Kafka, Pablo Ayres, Tom Zé, Sidney Borges, Bertolt Brecht, João Paulo Hisse, Marcel Proust, Pablo Gonzalez, Jean-Luc Godard, Pedro Fagundes, Maurice Blanchot, Juliana Carbone, Clément Rosset, Marcelo Torres, Georges Bataille, Laura Martins, Henry Miller, Cristina Veloso, Manoel de Barros, Clarice Oliveira, Suely Rolnik, Joana Camelier, Baruch de Espinosa, Rafael Carrilho, Henri Bergson, Roberto Nogueira, Michel Foucault, Rose Marie Santini, Gabriel Tarde, Bete Esteves, Francis Bacon, Bruno Oliveira, D. H. Lawrence, Harissa Bittar, Ronald D. Laing, Flávia Azevedo, Bob Fischer, Breno Oliveira, James Joyce, Laís Patrão, Fernando

16 Deleuze, G. *Conversações*. Tr. br. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, [1990] 1992, p. 100.

Pessoa, Guilherme Kishi, Gottfried Leibniz, José Vitor Hisse, Karl Marx, Vânia Nascimento, David Hume, André Machado, Antonin Artaud, Vinícius Fragoso, Samuel Beckett, Patrick Cardoso, Jean Oury, Mauro Bustamante, Ingmar Bergman, Juliana Betti, Sergei Eisenstein, Vitor de Jesus, Pierre Klossowski, Kátia Raymundo, Scarlett Marton, Celso Bezerra, Robert Musil, Fabrício Lopes, Peter Pál Pelbart, Amelia Gonzalez, Roland Barthes, Camila Oliveira, Peter Sloterdijk, Érica Carapeticow, Alexander Kluge, José Benício, Duns Scott, Leonardo Lizzo, José Gil, Gisele Fortes, Claudio Ulpiano, Kátia Sassen, André Gide.

Uma casa. Substantivo feminino. Construção para morar; residência. Família; lar. Estabelecimento. Divisão de tabuleiro de xadrez ou damas. Fenda no vestuário para enfiar botão; botoeira. Posição que o algarismo ocupa em um numeral.

Vivemos uma época estranha, e toda época o é. Diante do novo que se descortina, há jogos de forças por todos os lados, todos os dias. É sábado, o dia está amanhecendo e o jornaleiro chega. Terminamos de escrever um texto. E bem que poderia ser qualquer dia, em uma hora qualquer.

*Este texto foi produzido coletivamente por Diogo Vancin, Érica Carapeticow, Irene Grether, Joana Camelier, Laura Martins, Marcela Orlandis, Margareth Hisse, Pablo Gonzalez, Rose Marie Santini e Sidney Borges, sob a coordenação de Pedro Honório. Foram aproveitados textos de clientes, técnicos e frequentadores da casa, publicados na *Revista Tempo* – uma produção mensal da Casa Hans Staden, cuja linha editorial foca nos estudos da chamada filosofia da diferença e em relatos clínicos. Para a elaboração deste texto, nos encontramos semanalmente durante seis meses, em meio à rotina da casa, em sessões de levantamento e organização de material, estudos teóricos e produção escrita. Agradecemos especialmente à Kátia Raymundo que cuidou da nossa comida nos viradões de sábado, à Vania Belli e Etelvina França pelas sugestões e revisão, e a todos os clientes, técnicos e visitantes que, direta ou indiretamente, acompanharam essa produção. Mais sobre a Casa Hans Staden pode ser visto em: <<http://casahansstaden.blogspot.com.br/>>.